

*Pro que que eu tô com os meus
cabelo branco se não é pra sabê as
coisa?*

*Why do I have white hair if it's not to know what's
going on?*

Vanda Aparecida Fávero Pino¹

Resumo: As comunidades quilombolas rurais são locais em que os saberes orais e populares são abundantes. No entanto, estes modos de conhecimento não costumam ser reconhecidos pela sociedade ocidental capitalista “desenvolvida”, especialmente nas instituições escolares e acadêmicas. Este artigo busca trazer histórias e memórias de uma griô quilombola do Sul do Brasil. Suas histórias contam a sua gente e os processos de “envolvimento” e resistência em mais de cem anos em meio a um espaço historicamente racista e excludente. O referencial teórico que coteja o texto traz as reflexões do malinês Amadou Hampaté Bâ (2010) e do autor quilombola Antônio Bispo dos Santos (2015, 2023). Dona Nena, irá completar 104 anos em 2024 e suas histórias são um convite a conhecermos e valorizarmos a história, os modos de viver e a sabedoria popular quilombola.

Palavras-chave: Dona Nena; quilombolas; Quilombo da Mormaça; oralidade.

Abstract: Rural quilombola communities are places where oral and popular knowledge is abundant. However, these forms of knowledge are not recognized by "developed" Western capitalist society, especially in school and academic institutions. This article seeks to bring stories and memories of a quilombola griô from southern Brazil. Her stories tell of her people and the processes of "involvement" and resistance over more than hundred years in the midst of a historically racist and exclusionary space. The theoretical framework that underpins the text includes the reflections of the Malian Amadou Hampaté Bâ (2010) and of the quilombola author Antônio Bispo dos Santos (2015, 2023). Dona Nena will be 104 years old in 2024 and

¹Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2022). Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – *Campus* Caxias do Sul. Contato: vandafaveropino@gmail.com.



Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL –ISSN 1980-4504
DOI: XXXXXXXX

her stories are an invitation to get to know and value her history, ways of life and quilombola popular wisdom.

Keywords: Dona Nena; quilombolas; Quilombo da Mormaça; orality.

Boitató, Londrina, 2023
Recebido em: 23/01/2024
Aceito em: 05/02/2024



BOITATÁ, Londrina
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Pro que que eu tô com os meus cabelo branco se não é pra sabê as coisa

Vanda Aparecida Fávero Pino

1 Uma Sábia Quilombola No Sul No Mundo

O ano era 1920, o lugar, o Sul do mundo. Naquele quilombo chamado Mormaça, no município de Sertão, Rio Grande do Sul (Brasil), nascia a pequena Doralina. Dona Doralina José da Rosa Rocha, mais conhecida como Dona Nena, conta que não fora registrada nesse ano, pois naquele tempo os pais não registravam os filhos logo após o nascimento, mas quando fosse possível. A Comunidade Quilombola da Mormaça se auto-organizava enquanto via avançar os processos de imigração europeia na região norte do Rio Grande do Sul. Ela conta que nessa comunidade de ancestralidade africana sempre havia lugar para mais um que precisasse de alimento e guarida. O gado era criado solto e os “puxirões” eram prática de ajuda envolvente entre os comunitários. Ainda criança conta que “no tempo das guerra” precisava esconder-se com outras crianças no sótão dos ranchos, casas simples nas quais viviam, porque as tropas vinham buscar os homens, violentar e matar pessoas e saquear casas. Dona Nena conheceu mulheres mais velhas do que ela que foram escravizadas. Elas lhe contaram que a sinhá pregava suas orelhas na parede como castigo e depois gritava para que elas fossem bem ligeiro fazer algum serviço.

No tempo em que era mais moça, Dona Nena contou que “os branco não atavam os cavalo junto” e nas primeiras décadas da imigração não queriam dar serviço para os negros. Dessa forma, os bailes também eram segregados. Dona Nena casou cedo com o Senhor Naurelino Souza da Rocha com quem teve quatro filhos. Foi companheira de vida da Chica Mormaça, uma griô conhecida em toda a região que deu nome à sua comunidade. Na Mormaça, ser parteira é um dom e, no início do século XX, crianças de toda a região nasciam



por essas mãos negras. Ajudou muitas crianças a virem ao mundo e, muitas vezes, ensinava até os médicos do município.

Embora a contribuição das comunidades negras no que chamam hoje de “desenvolvimento regional” não seja reconhecida nos espaços que detém o poder, Dona Nena, com o esposo e os filhos participaram de importantes processos de “desenvolvimento” que atravessaram a região norte do Rio Grande do Sul no século XX, como a construção da estrada de ferro, a abertura de rodovias pelo DAER (Departamento Autônomo de Estradas e Rodagem) e o estabelecimento do Ministério – hoje IFRS – *Campus Sertão*. Também trabalharam na região e fora dela com as empreitadas, nas quais lideravam equipes com o cultivo e limpeza de lavouras.

Há muitos anos Dona Nena é evangélica, por isso contou que já não benze mais, porém reza pelas pessoas que lhe pedem. Mora no município de Coxilha e continua cuidando da família. Gosta de prostrar e contar as lembranças da sua comunidade remanescente de quilombos. Fala com orgulho de suas origens e sua história de vida. Já esteve compartilhando seus saberes para estudantes do ensino médio do IFRS – *Campus Sertão*. Todavia, ainda há estudantes que nunca ouviram falar em comunidades quilombolas no Sul do Brasil. Ainda há professores e pesquisadores que também não. E isso precisa mudar. Por isso conto um pouco do que vi e vivi junto a essa sábia quilombola para que possamos escutá-los com mais atenção em sua sabedoria ancestral.

2 Histórias De Envolvimento

Dona Nena hoje, aos quase 104 anos de vida, é vínculo entre o passado e o futuro no Quilombo da Mormaça. Como declarou Santos (2015, p. 19), “[...] o presente atua como interlocutor do passado e, consecutivamente, como locutor do futuro”. Dona Nena representa mais de um século de resistência de sua gente e a certeza de que essa organização tão forte, continuará nos tempos vindouros.

Conheci essa respeitada griô quando era servidora do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS (*Campus Sertão*) e coordenei um projeto sobre saberes orais quilombolas que



inspirou o desenvolvimento de minha tese de doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Pino, 2022). Ao iniciar as atividades de campo na comunidade, o nome dessa mãe quilombola era mencionado por todos. Também pudera, a griô centenária foi contemporânea da segunda geração de moradores do quilombo. Foi discípula de Chica Mormaça, sua grande mestra que deu nome à comunidade e que foi uma grande parteira e benzedeira, conhecida em toda a região. Ela é alguém que viveu vários tempos diferentes em sua comunidade. O tempo no qual a comunidade podia viver da terra que dispunha, da água, das árvores; e o tempo que já nem todos poderiam permanecer ali, inclusive ela. Santos (2015, p. 53), explica o processo de desterritorialização das populações quilombolas rurais após a Segunda Guerra Mundial:

[...] o êxodo rural também atendia a grande demanda por mão de obra nos grandes centros urbanos, esvaziando os territórios tradicionais, enfraquecendo a resistência contra colonizadora e criando as condições publicitárias para a introdução da monocultura mecanizada no setor primário da economia.

Aos seus 99 anos, quando conversamos, mostrava-se surpresa ao lembrar da dinâmica comunitária que fazia com que mesmo pobres tivessem alimentos em suficiência para alimentar a todos que por ali se aquilombavam, mesmo aqueles que se encontravam de passagem, a exemplo de mascates e de “caminhadores do mundo”, como ela mesmo os nomeia: “[...] era poca nossa terra, mas portanto tinha um biombo coberto de capim. [...] Vinha pessoas que andavam caminhando, viajando. Então as veis hoje eu tô pensando: [...] como é que a gente fazia pra trata tudo aquelas pessoa né?! E nós fazia comida pra tudo aquelas pessoa! (Rocha, 2019, 22min. 4s). A exemplo das explicações de Santos (2023), Dona Nena mostra que a dinâmica comunitária de sua infância no quilombo era orgânica e de “envolvimento” entre aqueles que procuravam esse lugar, palavra contrária a “desenvolvimento”, ação disruptiva proposta pelo mundo moderno capitalista.

No primeiro dia em que falamos com ela, nos recebeu na casa da filha, Dona Elane. Também estava a neta Elaine e os bisnetos Gisele e Emanuel. Dona Nena, em nossos primeiros momentos de conversa, fez questão de firmar sua história como uma mulher que trabalhou para pessoas muito importantes da sociedade de Sertão, pessoas que até hoje



reconhecem seu legado: “[...] dos prefeitos que me conhecia muitos já morreram, finado [inaudível], mas tem muita gente que ainda me conhece em Sertão, né!” (Rocha, 2019, 1s.). Dona Nena contou que foi faxineira, cozinheira e recebeu a benção por parte de sua mestra, a Chica Mormaça, para trabalhar como parteira, benzedeira e remedieira. Assim como Dona Nena, muitas mulheres do quilombo seguiram pelos caminhos dos saberes da Chica Mormaça. É próprio das comunidades de ancestralidade africana repassar os saberes aos mais jovens, o que Hampâté Bâ (2010) chama de ensinar “ofícios tradicionais”, porém a concepção contemporânea capitalista que hoje se tem como “trabalho” dificulta essa continuidade e, portanto, as mulheres não puderam seguir com o ofício tradicional de parteiras, visto a necessidade de fazer cursos que são ofertados nas cidades a um custo elevado para as suas realidades.

No primeiro dia em que chegamos à casa de Dona Nena, foi Fernanda, estudante bolsista e parente da família, que fez uma provocação inicial, mas foi Gisele que pediu à bisavó que contasse uma história que ela costumava ouvir em tempos de menina:

FERNANDA (bolsista): - Ah, contá alguma coisa, Tia Nena, da senhora. Uma história...

DONA NENA: - Contá alguma coisa?

FERNANDA: - Da senhora.

GISELE (bisneta): - Conta de quando a senhora era criança que a senhora me contava, das guerra.

DONA NENA: - Quando eu era criança?

ELITE (filha): - Que tinha guerra, que se escondiam.

DONA NENA: - Havia guerra naquele tempo né... [...] (Rocha, 2019, 24s.)

E, assim, Dona Nena começa a narrar a primeira história que pude ouvir, de quando tentaram levar seu pai à força para a guerra. A partir dessas conversas gravadas por áudio eu fazia a transcrição das histórias, mostrava à Dona Nena e aos outros interlocutores quilombolas e, após, trabalhávamos essas narrativas em formato de oficina para estudantes de escolas da região a fim de que conhecessem parte da cultura afro-brasileira presente no lugar no qual viviam. A transcrição é um conceito cunhado inicialmente por Haroldo de Campos e originado nos estudos da tradução. Segundo Almeida e Queiroz (2004, p. 167) quem se responsabiliza pela *transcrição/tradução* do conto oral o fará por meio da escuta: “[...]”



processará escolhas; algumas ditadas pelo método científico, outras pela estética da época da publicação, outras ainda por afetos, sonoridades que acalantam memórias inconscientes do escriba-escritor”. Desse modo, transcrever é uma forma de tradução intralingual e intersemiótica de um texto de partida que dará origem a outro texto, a transcrição, na qual se passa para o suporte escrito a contação de uma história oral. “No tempo das guerra”, uma referência às memórias de Dona Nena foi assim transcrita:

Dona Doralina José da Rosa Rocha, mais conhecida como Dona Nena e, pelos moradores da Mormaça, como Tia Nena, mais de 100 anos de vida e um pouco menos de certidão, conviveu com a Chica Mormaça e aprendeu com ela os saberes do parto, dos remédios e das benzeduras. Parto parou de fazer há muito tempo, pois mesmo sabendo fazer; chegou um dia que lhe disseram que ela não tinha “estudado em uma escola” para isso. Hoje também não trabalha mais com os benzimentos, pois é evangélica há muitos anos e teve um dia que lhe disseram que ela só pode fazer orações para as pessoas.

Só que tem muita coisa que Dona Nena sabe fazer e continua fazendo, e ainda bem que até hoje ninguém colocou uma regra que diga para ela parar fazer. Se bem que essa mãe velha ainda diz que, se alguém precisar fazer um parto com urgência, ela dá jeito com certeza.

Naquela dia em que fomos em sua casa, ela passou a tarde nos contando causos, talvez sem se dar por conta de que estava contando tantos causos. E nós queríamos ouvir mais, apesar de que o bom senso nos dissesse para voltar outro dia em razão de sua idade. Ponderávamos que ela poderia cansar; embora dissesse que não estava cansada. A filha Elite e a neta Eliane, sentadas ao lado, ajudavam a lembrar de alguns detalhes. O bisnetinho Emanuel brincava pelo chão, mas, diferentemente da maioria das crianças que não prestam atenção nos mais velhos, ele demonstrava estar com os ouvidinhos atentos ao que a “bisa” estava falando. A bisneta Gisele, de 19 anos, sentou junto conosco: era visível o carinho que ela mostrava pela matriarca. A moça queria ouvir e participar também:

- Conta de quando a senhora era criança que a senhora me contava, das guerra.

- Das guerra? ... Hum... Fazia guerra naquele tempo né. Não me lembro qual foi a última guerra, que ano foi também. Nós era criança e queriam reuni o pessoal pra levar pra São Paulo. Eu tinha uns doze ano mais ou menos. Tinha “as força” que chegavam nas casa e levavam. E o que tinha as pessoa, uma vaca gorda, um cavalo gordo, eles pegavam e levavam também. E não tinha dó de ninguém! Ai nem fogo nós não fazia. Nós ficava no forro da casa, nossos pai escondiam nós... E nem conversá arto, era tudo cochichado. Eu sei que nós passemos algum trabalho... E as veis se juntava quatro cinco muié numa casa só. E os fio, tudo junto também. Mas nunca chegô dessa gente bandidão como chegava em muitas casa.

Então onde nós morava lá... nossa casa era lá nos fundo e nós saia cá na frente. E um dia eu saí e oiei láaa naquela coxia do Saccardo: lenço de chimango e maragato. Tu-do ca-va-la-ria... Ô Nena que vortô que era um [raio]... Ê. Vortei. Mas eles não penderam pro nosso lado, vieram direito a casa do finado Abílio que era o Comissário. E os meus pais tavam escondido numa pirambera de pedra lá do



outro lado do rio. E daí nós fumo dizê preles que se escondesse mió, que eles tavam vindo. Mas depois, o finado meu pai levaram até Sertão pra levar pra guerra.

Aquele tempo eles iam pra Erechim pegá o trem. E ele disse pro finado Abílio:

- Amanhã se Deus quisé eu tô de vorta.

- Você negrinho?!

- Pois eu vorto, se Deus quisé.

- Tu não vorta.

- Eu vorto!

E no outro dia ele foi na casa do finado Abílio:

- Eu não te disse que eu vortava, fã duma puta!

E até hoje, Dona Nena não sabe dizer como o pai conseguiu escapar das tropas.

Mas que ele cumpriu a sua promessa, cumpriu!

Essa foi a história que Dona Nena mais relembrou em outros encontros. A história das crianças escondidas no sótão por muitos dias, sem que se pudesse sequer conversar normalmente, é vívida em sua narrativa, na qual igualmente se destaca a ação coletiva das mulheres, a proteção aos pais e maridos, os saques e as terríveis violências que aconteciam e apavoravam as comunidades rurais ao que provavelmente seria o conflito conhecido como o “Golpe de 1930” e memórias de intervenções armadas anteriores.

Também é importante salientar o trecho em que ela reproduz a fala do comissário: “você negrinho?!”. Tal expressão tão curta, mas tão significativa, implica refletir sobre o racismo a que os corpos negros estavam submetidos, especialmente no Sul do Brasil. Se propriedades rurais eram arrasadas e as pessoas violentadas em conflitos, o que dizer de um período no pós-abolição no qual se chegava à casa de famílias negras que se organizavam de forma comunitária? Grupos negros em confrontos armados, historicamente, foram as populações que sofreram mais violência no Brasil. Na conhecida Guerra dos Farrapos, iniciada em 1835 no Sul do Brasil, por exemplo, negros escravizados foram utilizados como força de trabalho importante para os intentos dos líderes militares. Contudo, as reivindicações desses guerreiros pela liberdade não foram atendidas, sendo, inclusive, traídos no Massacre de Porongos, que dizimou cerca de cem homens, os chamados lanceiros negros. A fala do comissário, uma autoridade no local, demonstra o pensamento da época, na qual um homem negro, para ele um “negrinho”, jamais poderia escapar das imposições dos homens brancos, “superiores”, que detinham o poder. Em certa ocasião em que falou ao público de IFRS – *Campus Sertão*, Dona Nena sentiu-se disposta a explicar as atitudes do pai diante das



autoridades. Contou-nos que ele veio de outras paragens do Sul do Brasil e que se mostrava um homem forte e insubmisso a ordens arbitrárias, por isso enfrentou as imposições que lhe sobrevieram na ocasião em que quiseram levar-lhe ao campo de batalha. As vivências de pessoas como Dona Nena, nascidas em comunidades quilombolas, fornecem conhecimentos diferentes daqueles que são apresentados na escola, exibem as facetas do racismo e o modo como ele foi escamoteado por muitos anos, além de mostrarem como a população negra vivia, organizava-se e resistia nesses lugares.

A articulação de Dona Nena ao contar histórias e a sonoridade de sua voz fizeram com que, no processo de transcrição, não fosse preciso parafrasear suas falas. Com exceção de algumas elipses e explicações, a fim de a narrativa tornar-se mais fluida, as frases que remetem a falas dos personagens são apresentadas *ipsis litteris*, conforme a contação de Dona Nena.

Cabe observar a poética da voz rouca e, ao mesmo tempo, delicada dessa matriarca, voz que envolve cadência, tom e sonoridade. O laudo antropológico da Comunidade Quilombola da Mormaça, conduzido por Muller *et al.* (2007), oportunidade em que Dona Nena fora entrevistada, reitera a autenticidade da maneira de narrar da matriarca e sublinha ser “impossível corrigir a fala de Dona Nena, nascida em 1922, sem perder suas características peculiares” (Muller, 2007, p. 129). A seguir, consta um registro fotográfico de nosso primeiro dia de conversas com a sábia quilombola e com seus familiares. Na fotografia estão Dona Nena, a filha Elite, a neta Eliane e os bisnetos Emanuel e Gisele.



Figura 1 - Dona Nena e família



Fonte: Fundo Narrativas Quilombolas / Memorial do IFRS – *Campus Sertão*.
Foto: Vanda Aparecida Fávero Pino (2019).

Ouvir Dona Nena nos fazia experimentar um sentimento muito semelhante ao que Hampâté Bâ (2010) relatou sentir ao estar em África com Koulel, um grande genealogista, historiador e contador de histórias. Dona Nena representa o que o intelectual malinês chama de representação da memória viva, uma “herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos” (Hampâté Bâ, 2010, p. 167). Ficávamos uma tarde em sua casa e não víamos o tempo passar. Retornamos várias vezes à sua casa, porque ela sempre tinha muita coisa para contar e nos convidava para o retorno. Em momentos em que ela recontava narrativas, a performance era sempre interessante. Contar histórias é sempre a arte de contá-las novamente, arte que se perde quando as histórias não são mais conservadas (Benjamin, 2020, p. 21-32). A esse respeito, Hampâté Bâ (2010, p. 209) observa:

O tradicionalista não tem receio de se repetir. Ninguém se cansa de ouvi-lo contar a mesma história, com as mesmas palavras, como talvez já tenha contado inúmeras vezes. A cada vez, o filme inteiro se desenrola novamente. E o evento está lá, restituído. O passado se torna presente. A vida não se resume jamais.



Uma história que fala muito sobre o contexto em que o Quilombo da Mormaça estava inserido na primeira metade do século XX, de um racismo manifestado explicitamente, foi aquela na qual Dona Nena relata como eram os bailes em sua comunidade, o que os colonos europeus e seus descendentes chamavam de “baile de preto”. Embora no Brasil haja a falácia de uma democracia racial e a crença de que não houve qualquer tipo de *apartheid*, Dona Nena e outros comunitários bem mais jovens do que ela relataram que não podiam frequentar os bailes de brancos. Naquela época, conta Dona Nena que “os branco não atavam os cavalo junto”, ou seja, não queriam que pessoas negras frequentassem suas festividades, estivessem no mesmo espaço. Essa expressão explica bastante o contexto da época, de uma sociedade multirracial que se formava, mas que, por outro lado, previa a separação cultural entre o que era considerado dos brancos e o que era considerado dos negros. Santos (2015, p. 49) aponta a permanência da criminalização e a violência contra os quilombolas no pós-abolição “tendo como alvo seus modos de vida, suas expressões culturais e seus territórios, isto é, as suas formas de resistência e de auto-organização comunitária contra colonial”.

Assim, na Comunidade da Mormaça, os comunitários negros passaram a fazer seus próprios bailes nas casas em que moravam. Muitos desses bailes eram precedidos de um puxirão, uma espécie de trabalho solidário, ou, como chamam, “trabalho doado”. O puxirão ocorria geralmente aos sábados, na casa de um comunitário, e nele toda a comunidade se envolvia. Ali, podia haver a sementeira, a colheita ou a limpeza da plantação, o carneio de animais para o consumo, a ajuda para algum comunitário adoentado. Após intenso trabalho, ao final do dia, era comum a realização de um baile. Tratava-se de um encontro com os seus que Dona Nena lembra como “tempo bõ”. Não obstante, ela conta que, frequentemente, os brancos tentavam “se infia” em seus bailes e, por vezes, conseguiam. Já um negro entrar em um baile de branco seria algo inaceitável. Ela buscava se defender desses rapazes que, segundo conta, só queriam escarnecer das moças negras. Dona Nena narrou uma passagem em que agiu com muita astúcia, a qual transcrevi como “Uma guaraná bem geladinha”:

A Dona Nena é de um tempo muito bom em que, nas Comunidades Quilombolas da Mormaça e da Arvinha, havia bailes nas casas. Nessas datas, durante o dia, faziam o puxirão comunitário limpando lavoura e carneando animal. De noite, esqueciam do cansaço e bailavam a noite inteira. Às vezes, era preciso ir longe, caminhar um bom



tempo a pé e teriam de posar nas casas. Iam em grupo, atalhando pelos campos. Sempre acompanhadas por um irmão ou pessoa mais velha. Naquele tempo, “os branco não atavam os cavalo junto” e não deixavam os negros irem em seus bailes. Ai os negros também não deixavam eles frequentarem os bailes dos seus. Só que sempre tinha um branco pra “se infia”, como diz a Dona Nena. E as moças das comunidades precisavam se defender deles, porque, se uma moça negra dançasse com um branco, no outro dia eles iam fazer escarninho para as irmãs deles em casa. E, até na casa das moças negras, os irmãos delas dariam risada de elas terem dançado com um branco.

Um dia, um rapaz branco entrou de infiado no baile dos quilombos. Queria o moço “prosear” com Dona Nena. Ela nos contou que prosear é tipo um namorinho, bem diferente dos de hoje, é verdade, mas sinaliza uma aproximação afetiva. Naquele tempo, não era de bom tom uma moça sair com um rapaz desconhecido para prosear fora do salão.

- Vamos prosear lá fora, Nena, disse o rapaz.

- Não, não. Não vou ir. Deuzolive.

- Vamo, Nena, aí eu te pago uma guaraná!

- Ah é? Então pague a guaraná primeiro!

Dona Nena tomou “a guaraná” bem geladinha junto com sua amiga, uma gasosa como também diziam naquele tempo.

- Vamos prosear agora, Nena? Perguntou o impaciente rapaz.

- O quê? Você tá achando que sou boba? Vá procurar tuas namorada, por que que você não trouxe elas?

Contam que este rapaz até hoje está vivo, mas jamais esqueceu do toco que levou.

A história de Dona Nena revela, além da dinâmica comunitária e de resistência dos puxirões, a divisão que ocorria entre brancos e negros em um lugar específico e bastante estratégico: os bailes. Nesses espaços do interior dos estados do Sul do Brasil, quando moças e rapazes entram na adolescência, habitualmente, vão com suas famílias a diversas comunidades diferentes para participarem dessas festividades aos finais de semana e conhecerem outros jovens. Nesses encontros, que costumeiramente começam com uma dança, podem dar início a um namoro que, depois de algum tempo, culmina em casamento. Isso mudou um pouco nos últimos anos: os jovens do interior costumam ter, hoje, acesso a outros espaços para flertarem, mas, no tempo de Dona Nena e de gerações posteriores a ela, os salões comunitários se enchiam de jovens e de suas famílias. Chama a atenção o fato de os bailes serem, aparentemente, o único espaço em que era expressamente proibido de negros frequentarem. Na época de juventude de Dona Nena e de seus contemporâneos, as famílias brancas, com a intenção de evitar uma aproximação afetiva de suas filhas e filhos com jovens negros, delimitavam a entrada pela cor da pele. As famílias negras, como forma de resistir,



também faziam bailes nos quais, obviamente, brancos não seriam bem-vindos. Mesmo assim, não raro, rapazes brancos costumavam adentrar as festas dos negros, até porque essas eram bem mais animadas, conforme contaram vários de nossos interlocutores quilombolas e não quilombolas. Já jovens negros dificilmente teriam a entrada aceita em um baile de famílias brancas. Seriam hostilizados e tratados com violência se tentassem resistir. Nessa dinâmica segregadora, as comunidades negras se aproximavam e, por meio de casamentos, estabeleciam laços de parentesco e compadrio que tinham início nos bailes.

A narrativa de Dona Nena expõe como pesava sobre ela, uma moça negra, e sobre suas contemporâneas a responsabilidade de se defenderem dos rapazes brancos para não serem, após os bailes, hostilizadas por eles e seus familiares, bem como por seus próprios irmãos homens. A astúcia de Dona Nena nessa história foi uma maneira de defesa, não haveria para ela outra saída se não evitar a todo custo o contato com um rapaz branco que possivelmente não lhe trataria com respeito no contexto social no qual se encontravam. Ribeiro (2019, p. 83) elucida que sobre as mulheres negras “no imaginário coletivo brasileiro propaga-se a imagem de que são ‘lascivas’, ‘fáceis’ e ‘naturalmente sensuais’. Essa ideia serve, inclusive, para justificar abusos [...]”. Desse modo, Dona Nena mostra-se precavida para defender-se de uma situação que ela acreditava que lhe traria incômodos.

Dona Nena também não deixou de fora de nossas conversas a história de como se tornou parteira. Ela já acompanhava Chica Mormaça para auxiliá-la nos nascimentos das crianças que ajudavam a vir ao mundo:

Junto com ela, eu tava ali, ioando, a criança nascê, tudo, cortá o imbigo, cortá a placenta, tudo, né! E depois até o imbigo, né! Tem que sê treis parmo pra lá e treis parmo pra cá, né! E depois até o imbigo, né, da criança ali. [...] Nós fazia a pomada, mesmo, nós mesmo, né, fazia pomada. E remédio..., que nós fazia, que precisava um chá pra pessoa..., era camomila..., as veis conforme lá..., aquela noz moscada, pra fazê os chá as veis pra muié, as veis conforme um poquinho de arruda também [...]. E, se por acaso as veis precisava, nós usava muito o óleo de rícino..., assim pra dá o purgante pra muié pra apurá as dor, pra nascê a criança, né! (Rocha, 2020, 30s).

Dona Nena aprendeu com Chica Mormaça a benzer, fazer remédios e fazer o parto, inclusive pomadas, chás e unguentos necessários para os momentos que antecedem e sucedem



essa condição materna. Tudo isso é um saber fazer que constituía os ofícios tradicionais da comunidade, os quais muitos moradores chamam de “dom” e aos quais Dona Nena também se refere como “profissão”. O fato narrado por Dona Nena é que com a proximidade da partida de Chica Mormaça, estando ela em avançada idade, seria preciso passar esse ofício tradicional à comadre:

Ela preguntô, diz, que nós era cumadre: cumadre, eu quero le passá a minha profissão pra passá pra senhora. Daí... eu disse: mais uma profissão eu aceito, mas a outra não... porque tem que saí de noite... E eu tenho minha casa também. Então não dá, agora de benzé tudo bem, mas de partera não. Daí ficô assim, né. (Rocha, 2020, 4 min. 18s).

Porém, a mesma Nena que, mais tarde, viria até mesmo a ensinar os médicos no hospital, surpreendeu-se com o que o destino lhe reservou: “E quando foi um dia Jesus me provô que era assim como ele queria e não como eu queria, né” (Rocha, 2020, 4 min. 55s). Dona Nena revelou que o primeiro parto que precisou fazer foi por necessidade, o parto de sua filha no qual nasceram por meio de suas mãos as suas netas gêmeas. A partir desse dia, Dona Nena aceitou a profissão passada pela velha Chica.

Dona Nena precisou parar de fazer partos porque não tinha curso para tal fim. Logo ela, que fazia os médicos dobrarem-se aos seus saberes. Certo dia, um médico teimou com ela sobre uma parturiente:

Teve que concordá, porque... eu dizia que era uma coisa e ele dizia que era outra. [...] e daí ele disse: - Pode levá ela pra casa, a criança é pra amanhã. - Não é dotôr! é pra agora dotôr! - Não senhora! Pode levá! E virô as costa. Daí eu saí na plataforma ali, a muié gritando, gritandooo... Vortei lá! - Dotôr, ela vai ganhá a criança ali na plataforma! Tá gritando, dotôr! – É, má não! Aí foi lá... Oiô: - Má não é tanta dor! – Digo, não é ne você que tá doendo! [risos]. Eu dizia memo! - Não é ne você que tá doendo! A criança já vai nascê! Aí ele foi pra lá, e falô e arrumô uma cama. E não foi mesmo! Nem duas hora! Veio o negrão! [...] Daí que eu disse pra ele: pro que que eu tô com os meus cabelo branco se não é pra sabê as coisa. Daí ele não falô mais nada, ficô queto! [risos] (Rocha, 2020, 12 min. 36s).

Dona Nena costuma falar com muita ênfase e frequência sobre a fé cristã, após a sua entrada na religião evangélica por volta da década de 1960. Ela não pôde frequentar a escola, mas conta que aprendeu a ler “pela bíblia sagrada”. Além das vivências em sua comunidade,



foi por meio dessa fé que se sentiu pertencente e acolhida, mais do que na igreja católica. Ingressou na igreja depois que esteve muito doente. Ela contou-nos que, no dia de seu batizado, deixou o vício em cigarro que tinha há muitos anos:

Daí o dia que fui me batizá, fui fumando ainda... fumando... daí a minha irmã disse... disse: com que cara a senhora vai chegá lá na frente dos pastor... Digo, eu vô chegá com a mesma cara [...]. Lá naquela subida do Albino Pagotte eu larguei a última fumaçada e larguei, vai-te Satanais! E fui pra igreja. [...] Óia supor-tei meu vício no fundo da água... Nunca mais! Parece que eu nunca mais fumei. (Rocha, 2020, 20 min. 3s).

Foi também após tornar-se evangélica que deixou de ser benzedeira. Sua filha, Elite, pondera com a mãe que os benzimentos só fazem o bem para quem recebe, mas Dona Nena disse que agora, como mulher batizada, somente pode fazer orações para as pessoas. Essa situação mostra como os dons passados pela velha Chica acabam por ser despojados dos comunitários por grande parte da sociedade moderna, seja por meio de exigências de entidades profissionais e governamentais, seja por meio de doutrinas religiosas. Nesse contexto, explica Hampaté Bâ (2010, p. 210) que “[...] os diferentes mundos, as diferentes mentalidades e os diferentes períodos sobrepõem-se, interferindo uns nos outros, às vezes se influenciando mutuamente, nem sempre se compreendendo”. O escritor malinês sublinha, ainda, a importância da oralidade para a continuidade dos saberes tradicionais. Ele pontua que, em que pese a existência de intentos modernos que buscam se sobrepor à tradição oral, ela continua viva, especialmente em vilarejos e ilhotas distantes dos grandes centros.

Mesmo que já não pudesse atuar no hospital como parteira, Dona Nena sempre esteve disposta a ajudar quem precisasse de seus saberes e, até hoje, ainda diz isso. Suas rezas para as pessoas não deixam de ser uma forma de benzer. Dona Nena resiste, assim como sua comunidade resiste, muitas vezes propagando seus modos de vida de uma maneira sutil, de forma a livrar-se das imposições de uma sociedade que não respeita e não compreende os saberes quilombolas.

A partir da divulgação do trabalho de campo realizado e da apresentação das histórias que foram transcritas, Dona Nena foi convidada especial de um evento do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do IFRS – *Campus Sertão*, em 2019, no qual, aos 99 anos, foi conferencista. Apesar de mostrar-se uma grande contadora de histórias,



atraindo a atenção e admiração dos estudantes do IFRS – *Campus Sertão* na atividade acima destacada, Dona Nena, em alguns momentos, disse que não teria histórias para contar, que somente poderia contar sobre a sua própria vida. As ponderações de Dona Nena se correlacionam com Benjamin (2020, p. 26), em que autor ressalta que “o contador de histórias tira o que ele conta de sua própria experiência ou da que lhe foi relatada por outros. E ele, por sua vez, o transforma em experiência para aqueles que escutam sua história”.

Figura 2 – Dona Nena ministra oficina aos estudantes do ensino médio integrado – o IFRS – *Campus Sertão*.



Fonte: Fundo Narrativas Quilombolas / Memorial do IFRS – *Campus Sertão*.
Foto: Roberto Sander (2019).

No início de 2022, Dona Nena foi infectada pelo Novo Coronavírus. Os médicos disseram que “não teria mais volta”. Porém, Dona Nena, mais uma vez, resistiu. Mesmo com uma dificuldade respiratória grave, como seu pai no “tempo das guerra”, voltou para sua casa em Coxilha – RS. Seus familiares contam que, de vez em quando, ela volta sua fala ao passado, conversa em italiano, língua que aprendeu nas casas em que trabalhou, fica brava, conta caso, depois retorna ao presente.

Dona Nena – assim como relata Hampaté Bâ (2010), sobre os griôs, genealogistas e sábios africanos – é uma das grandes depositárias dos saberes do povo quilombola nessa parte



mais ao Sul do mundo. Esse texto é uma história contada a partir de minha experiência vivida junto a ela, mas também uma homenagem aos saberes dessa grande sábia quilombola. Ter a oportunidade de estar com ela, de ouvir as suas histórias, de registrar a sua voz, foi uma experiência inesquecível. Ela representa, hoje, o legado dos grandes depositários, o legado das Chicas, das Dandaras, das Bernardetes, dos Moa do Katendê, dos Antônio Bispo, que resistem valorosamente às imposições de um mundo voltado ao nivelamento e à padronização dos saberes em um único saber, mas que sábia e sorrateiramente continuam, fazendo a força e a presença longeva do quilombismo.

O ano é 2024 e Dona Nena, da Comunidade Quilombola da Mormaça, fará 104 anos de vida e sabedoria. Sua história também conta grande parte da história de sua comunidade no Sul do Brasil. Uma história de resistência em meio a processos excludentes. Que possamos ouvi-la, pois seus cabelos completamente brancos carregam saberes. E, como diria o escritor quilombola Antônio Bispo dos Santos (2015), que possamos ouvir as comunidades tradicionais em seus saberes orgânicos. Se as ouvirmos verdadeiramente, talvez possamos, assim como elas, resistir.



Referências

- ALMEIDA, M. I.; QUEIROZ, S. **Na captura da voz**: as edições de narrativa oral no Brasil. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- BENJAMIN, W. **O contador de histórias e outros textos**. São Paulo: Hedra, 2020.
- HAMPÂTÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. **História geral da África, I**: metodologia e pré-história da África. 2. ed. Brasília, DF: UNESCO, 2010. p. 167-212.
- MULLER, C. B. *et al.* Comunidade remanescente Quilombo da Mormaça: história, cotidiano e territorialidade. In: JARDIM, D. F. (Coord.). **Comunidades remanescentes de Quilombos no Rio Grande do Sul**: relatórios antropológicos de caracterização histórica, econômica e sócio-cultural de territórios quilombolas à luz das instrução normativa 20/2005/INCRA. Porto Alegre: UFRGS/FAURGS/INCRA-RS, 2007. p. 01 -215.
- PINO, V. A. F. **Territórios quilombolas em terras do sul**: confluências entre oralidade, história e resistência. 2022. 234 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/251769>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ROCHA, D. J. R. **Entrevista I**. [Entrevista cedida a] Vanda Aparecida Fávero Pino, Rita Tatiane da Silva Miranda e Fernanda Souza de Oliveira. Sertão: Memorial do IFRS *Campus Sertão*: Fundo Narrativas Quilombolas, 2019. Arquivo.mp3. FNQMIFRS 0017.
- ROCHA, D. J. R. **Entrevista II**. [Entrevista cedida a] Vanda Aparecida Fávero Pino, Rita Tatiane da Silva Miranda e Fernanda Souza de Oliveira. Sertão: Memorial do IFRS *Campus Sertão*: Fundo Narrativas Quilombolas, 2020. Arquivo.mp3.
- SANTOS, A. B. **A terra quer, a terra dá**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- SANTOS, A. B. **Colonização, quilombos, modos e significações**. Brasília, DF: INCT, 2015.

